

O contraste português / espanhol em Nicolau Peixoto (1848)*

Sónia Duarte

duarte.sonia@sapo.pt

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

ABSTRACT: In previous studies, the importance of the work edited by Nicolau Peixoto – *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Oporto 1848) – as the first grammar of Spanish published in Portugal has already been stressed. This paper aims to go further in Peixoto's work, focusing on the contrastive notes regarding the target language and the mother tongue of its audience, so as to frame those comments in the previous tradition of Portuguese-Spanish contrastive studies, among which the works of Howell (1662), Bluteau (1721) and Moura (1821) stand out.

KEYWORDS: Nicolau Peixoto; Portuguese-Spanish contrastive gramaticography; linguistic historiography.

RESUMO: Em trabalhos anteriores já foi posto em relevo o valor da obra editada por Nicolau Peixoto – *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Porto 1848) – como a primeira gramática de espanhol publicada em Portugal. Este artigo pretende agora aprofundar o estudo da obra de Peixoto, centrando-se sobre as notas contrastivas a respeito da língua-meta e da língua materna dos destinatários da obra, para enquadrar esses comentários na tradição precedente de estudos contrastivos entre o espanhol e o português, na qual se destacam as obras de Howell (1662), Bluteau (1721) e Moura (1821).

PALAVRAS CHAVE: Nicolau Peixoto; gramaticografia contrastiva português-espanhol; historiografia linguística.

1. O texto em estudo

Segundo a informação disponível, a *Grammatica Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Porto 1848), editada por Nicolau António Peixoto (? – 1862), é a primeira gramática de espanhol publicada em Portugal, como atestam tanto estudos gerais sobre os materiais para o ensino do espanhol em Portugal (Álvarez 2005; Ponce de León 2005, 2007; Salas Quesada

* O presente trabalho foi realizado no âmbito das atividades de doutoramento financiadas pela Fundação de Ciência e Tecnologia (SFRH/BD/74989/2010) e subordinadas ao projeto de tese "La lengua y la gramaticografía españolas desde la historiografía gramatical portuguesa (1623-1848)", inscrito no *Departamento de Filología Hispánica y Clásica* da *Universidad de León* e realizado sob orientação de María Dolores Martínez Gavilán. Merece ainda referência e agradecimento o contributo dos revisores deste texto, através das suas sugestões.

2005a), assim como os poucos trabalhos especificamente publicados sobre a gramática em estudo, os quais se resumem a uma única monografia (Duarte 2008a) e alguns artigos (Salas Quesada 2005b¹; Duarte 2008b, 2009a, 2010).

O texto encontra-se escrito em português e ocupa um total de cento e quarenta e sete páginas, estruturadas em dois textos preliminares – a nota do editor (p. [3])² e o prólogo (pp. 5-7) – e quatro partes de texto gramatical propriamente dito. A primeira parte (pp. 9-14) está dedicada à prosódia; a segunda (pp. 15-105) – a mais extensa –, à morfologia; a terceira (pp. 105-119), à sintaxe; a quarta (pp. 119-131), à ortografia.

Desta gramática foi publicada, em Lisboa, em 1858, uma segunda edição revista e aumentada por José Maria Borges da Costa Peixoto (1833-1862), filho de Nicolau Peixoto³ e responsável também pelo *Guia da conversação Hespanhola para uso dos Portuguezes* (Lisboa 1860). O conjunto das duas obras forma aquilo que Ponce de León (2005: 677; inédito⁴) descreve como um projeto didático assente na complementaridade entre material gramaticográfico e lexicográfico, identificada igualmente por Salas Quesada (2005b: 2). Nesse projeto se deveriam incluir ainda, talvez, os *Diccionarios Hespanhol-Portuguez e Portuguez-Hespanhol*, anunciados na contracapa do texto de 1848 e no jornal portuense *Defensor Diario* ao longo do mês de agosto do mesmo ano, nos dias 17, 18 e 19.

Contudo, como alerta Ponce de León (inédito, 2007: 63), não há registo de que estes dicionários se tenham efetivamente publicado ou de que a sua edição estivesse a cargo dos Peixoto.

Além do que fica por esclarecer acerca dos dicionários, há ainda outras lacunas a respeito da vida e obra dos Peixoto, como se expôs já noutra lugar (Duarte 2008a: II-V). Entre elas, merece particular relevo a que persiste sobre a autoria da gramática. O próprio Nicolau Peixoto parece diferenciar entre a identidade do autor e a do editor, assumindo a última e deixando em branco a primeira, como, aliás, observa Inocência Silva.

¹ Agradeço à autora a cedência do seu trabalho.

² A paginação indicada reporta-se, aqui, à edição original (1848), contudo, para efeitos de transcrição, ao longo deste estudo, utilizar-se-á como referência a edição crítica do texto a cargo da autora deste artigo (Duarte 2008a), indicando igualmente entre parênteses retos a paginação original da edição de 1848 e omitindo as notas do aparato crítico.

³ Cabe advertir, no entanto, que, como foi já evidenciado em Duarte (2008a: XVIII), no que toca à exposição da teoria gramatical, as duas edições não diferem. As alterações introduzidas na segunda edição dizem exclusivamente respeito à correção de gralhas, opções ortográficas e aos suplementos.

⁴ Agradeço ao autor a cedência do seu texto.

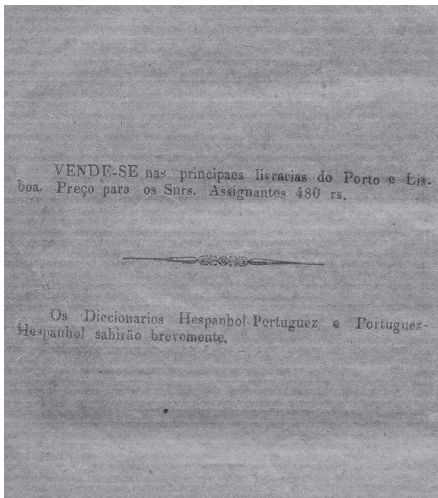


FIGURA 1 – Anúncio I
Peixoto (1848: contracapa)

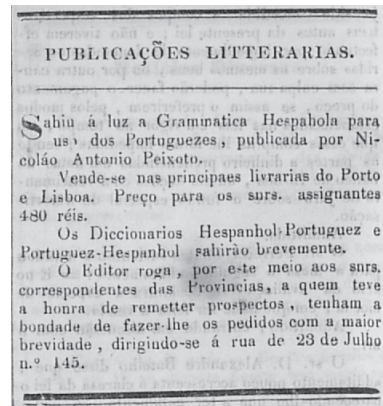


FIGURA 2 – Anúncio II
O Defensor Diario (17 de agosto de
1848, sem. 2, p. 740)

Convencido da utilidade, que deve d'aquí resultar á nossa litteratura e ao nosso commercio, **tentei fazer publicar** a presente grammatica, com que desejo contribuir para o bem da Nação.

Se o publico a aceitar benigno, meus fins estão prehenchidos, e eu altamente recompensado.

O Editor

Nicolao Antonio Peixoto ”.

(Peixoto 2008[1848]: 1[3], **negrito meu**).

[...] Elle proprio [Nicolau Peixoto], em uma especie de prologo, se declara *editor*, da obra cujo auctor porém, se conservou anonymo”.

(Silva 1894: tomo XVII, 86, **itálico de Silva**).

É verdade que, no *Guia de Conversação*, no título completo da obra, apresenta-se José Peixoto como “auctor da Grammatica Hespahola”, contudo, parece pouco verosímil que a tivesse escrito aos quinze anos de idade.

Seja qual for a identidade do autor, a verdade é que o trabalho em questão vem preencher um vazio, como indica o seu primeiro editor: “De que será, que ninguem até agora se dêsse ao trabalho de beneficiar a Nação portugueza com um methodo de aprender esta rica e bella lingua?” (Peixoto 2008[1848]: 1[3]). Contudo, tais palavras devem ser matizadas, já que, apesar da inexistência de uma gramática ou de um manual, será justo não menosprezar a informação sobre o espanhol que já circulava nos textos que conformam a tradição apologética,

ortográfica, gramaticográfica e lexicográfica portuguesa ou latino-portuguesa anterior a 1848⁵. O inventário dos contributos mais significativos foi já realizado noutros lugares (Ponce de León 2005: 675-676; Duarte 2008a: VII-IX).

2. Os textos em confronto

De entre os contributos anteriormente referidos, realçam-se aqui três textos, pela sua explícita perspetiva contrastiva entre as duas línguas: i) “Of the Portugues language or subdialect” (Londres 1662) de James Howell; ii) “Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa” (Lisboa 1721) de Rafael Bluteau; iii) *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Linguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portugueza* (Coimbra 1821) de José Vicente Gomes de Moura.

O primeiro texto, em rigor, não faz parte da gramaticografia portuguesa nem sequer sobre o português. Corresponde antes a um opúsculo de pequenas dimensões (dois fólhos acompanhados de nove de léxico⁶) que integra uma gramática do castelhano destinada ao público inglês, onde figura articulado com outros textos discriminados no título completo da obra (cf. REFERÊNCIAS), os quais, no seu conjunto, são dedicados à portuguesa D.^a Catarina de Bragança, rainha de Inglaterra por essa altura. Não obstante, como foi evidenciado noutros estudos (Salas Quesada 2002-2004; Pablo Segovia 2009; Duarte 2009b), os dados oferecidos sobre o contraste entre o português e o espanhol são, efetivamente, merecedores de atenção.

O segundo texto – um opúsculo de extensão igualmente reduzida, que perfaz página e meia de texto doutrinal, acompanhadas de nove páginas de material lexicográfico⁷ -, ainda que, como informa Ponce de León (2007: 74),

⁵ Ponce de León (2005: 675) descreve da seguinte forma o papel que cumprem nessa tradição as referências ao castelhano: “pues bien, en tales tratados, la lengua española, cuando la finalidad es pedagógica – como en el caso de Manuel Álvares -, se utiliza como mero auxilio para la enseñanza del latín; en otros casos, los objetivos son estrictamente editoriales – de difusión de la gramática o del léxico”. Especificamente sobre o que acontece na gramaticografia portuguesa desde esta perspetiva tratam os trabalhos de José Luis Rodríguez (2005), Ana María García Martín (2007) e o projeto de tese de doutoramento no quadro do qual se elabora o presente artigo. Da presença do castelhano em alguns autores portugueses em particular tratam ainda os estudos de Ponce de León (2010) e Duarte (2012a, 2012b, no prelo a). Tal abordagem é frequentemente associada à que explora a presença dos gramáticos espanhóis na gramaticografia portuguesa, contudo, para este efeito, separam-se as duas perspetivas, não se mencionando aqui, portanto, os estudos que se orientam predominantemente para a questão das fontes espanholas na tradição de descrição do português.

⁶ Precisamente sobre o material lexicográfico incide o estudo de Salas Quesada (2002-2004).

⁷ O complemento lexicográfico consiste numa lista de palavras intitulada “Tabla de palabras portuguesas remotas de la lengua castellana”. Sobre a integração desta tabela dentro do *Methodo*, cf. Ponce de León & Duarte (2005: 377, n. 15). Sobre a tabela em si, cf. Salas Quesada (2007).

seja o primeiro texto que assume como propósito a difusão do português entre os espanhóis, em rigor, como se afirma noutra lugar (Ponce de León & Duarte 2005: 386), não constitui um manual de português como língua estrangeira, mas sim um recurso auxiliar para facilitar o acesso à obra lexicográfica que integra: o *Diccionario Castellano y Portuguez* (Lisboa 1721), publicado por Bluteau para, por sua vez, ampliar entre os hispano-falantes a difusão do seu *Vocabulario Portuguez & Latino* (Coimbra e Lisboa 1712-1728), como, aliás, se explicita no título completo do referido dicionário (cf. REFERÊNCIAS). Seja como for, como já foi evidenciado em Ponce de León & Duarte (2005: 387-389), embora o seu objeto seja primeiramente a compreensão escrita em português, este texto representa um contributo significativo para os estudos contrastivos entre os dois idiomas.

Finalmente, a obra de Moura, bem mais extensa que as anteriores (noventa e seis páginas), embora sem chegar a ser exatamente uma gramática, parece ser o primeiro material gramaticográfico publicado em Portugal no qual o espanhol figura como objeto expresso de aprendizagem em contraste com outros idiomas, entre os quais o português⁸. Como já foi sublinhado noutros trabalhos (Duarte 2006: 330; Ponce de León 2009: 523), apesar do que parece indiciar o título, a obra não está constituída meramente por tabelas ou paradigmas; pelo contrário, oferece valiosa informação teórica nos comentários sobre a articulação dos sons e sobre a morfologia, assim como importante material contrastivo nos exemplos sobre a sintaxe.

Noutros estudos (Duarte 2008a, 2009a), observou-se já que estes autores não se encontram entre os mencionados na gramática editada pelos Peixoto⁹. No entanto, tal não descarta a possibilidade de que o seu autor conhecesse os textos em questão, nem retira tampouco pertinência ao estudo do grau de proximidade / distância entre eles. Neste trabalho, procurar-se-á aprofundar

⁸ Como clarifica o título da obra, além do português, são ainda considerados o francês e o italiano.

⁹ Convém que se observe aqui que, entre as fontes que poderia ter usado o autor do texto em estudo, não havia tampouco gramatografia espanhola contrastiva com o português publicada anteriormente a 1848, como se esclarece em Ponce de León (2007: 60). Sobre as fontes metalinguísticas espanholas comprovadamente consultadas, cf. Duarte (2009), onde se procura situar em termos gerais a teoria gramatical do texto em estudo face à tradição espanhola precedente e, em particular, descrever a forma como as referidas fontes são incorporadas no texto editado pelos Peixoto, precisando a devida deste para com aquelas, entre as quais é possível identificar concretamente as obras académicas – com particular destaque para a *Gramática de la lengua Castellana* (Madrid 1796) – e a *Gramática Inglesa* de José Urcullu (Porto 1848) – à qual se fará referência mais adiante neste trabalho. Sobre o papel da gramática académica em Peixoto, cf. ainda Duarte (2010).

esta questão, tentando situar o texto de 1848 relativamente aos restantes no que concerne às evidências apresentadas no âmbito do contraste de línguas.

3. Levantamento de notas contrastivas

É importante vincar que a abordagem que aqui se leva a cabo se encontra efetivamente restringida aos pontos de contraste explícito entre o português e o espanhol identificados em Peixoto. O critério assumido não decorre, contudo, da percepção de que o foco contrastivo se encontre circunscrito aos casos expressos. Com efeito, tal perspetiva é transversal à gramática editada pelos Peixoto na sua globalidade. Mesmo quando não é explicitada, é ela que muitas vezes justifica a opção por determinados conteúdos ou por determinadas modalidades de apresentação¹⁰. Não obstante, de um ponto de vista didático, referir expressamente ou não esse contraste com a língua materna do público-alvo poderá ter implicações diferentes, razão pela qual se optará aqui por isolar as situações em que tal é explicitado.

Na tabela 1, apresenta-se uma visão geral dos factos de língua sujeitos ao contraste, organizando-os segundo a sua convergência ou divergência relativamente ao português, no âmbito de cada uma das quatro partes em que se estrutura a gramática editada pelos Peixoto.

TABELA 1 - Visão geral

Semelhanças	Diferenças
Ortologia	
Articulação de todas as vogais. Pronúncia de sons correspondentes a diversos grafemas: - <c>, antes de <a>, <o>, <u>, <l>, <r>, quando antes de <e> ou <i> há <u> de permeio ou em posição final de sílaba. - <g> antes de <a>, <o>, <u> <l>, <r> ou em posição final de sílaba. - <ch>, <r> e <v>. Representação do acento gráfico.	Pronúncia de sons correspondentes a diversos grafemas: - <c> e <g> antes de <e> ou <i>. - <j>, <ll>, <ñ>, <x>, <z>.

¹⁰ A título de exemplo, é o que acontece no início do texto, quando, ao tratar da classificação das letras e dos sons que lhes correspondem, se esclarece que “no alfabeto hespanhol não ha vogaes nasaes” (Peixoto 2008[1848]: 8[10]). Tal observação, à luz de que, neste aspeto, o sistema vocálico do português diverge do sistema vocálico do espanhol, torna-se particularmente significativa do ponto de vista contrastivo.

Partes da Oração	
Nomes: não aplicabilidade do conceito de caso. Adjetivos: preposições intervenientes na formação do superlativo. Pronomes: contração com preposição. Pronomes: coincidência de OD + OI. Verbos: inexistência de verbo passivo; estruturas substitutivas da passiva. Verbos: terminações verbais. Advérbios: formas terminadas em <i>-mente</i> . Preposições: emprego genérico.	Artigo: casos de omissão. Nomes: género. Nomes: certos diminutivos. Adjetivos: preposições intervenientes na formação do comparativo. Adjetivos: uso do artigo junto de numerais (expressão da hora). Verbos: terminações verbais.
Sintaxe	
Emprego da preposição antes de OD. Emprego dos tempos e modos verbais. Recurso à construção inversa.	Imperfeito do conjuntivo / condicional.
Ortografia	
Pontuação. Emprego de maiúsculas.	Emprego de hífen.

Numa primeira análise, conclui-se que a maior parte dos casos identificados diz respeito a situações de coincidência entre as duas línguas e que tal é especialmente vincado nos âmbitos da ortologia e da sintaxe. Verifica-se igualmente que a maioria das situações observadas (tanto no que concerne aos pontos de identidade como de divergência) se situa no âmbito da morfologia; contudo, como já foi observado, este domínio é também o que ocupa a maior porção de texto. A seguir, desenvolver-se-á cada um dos casos identificados, organizando-os em função da própria estrutura da gramática em estudo e cotejando-os com os textos de Howell, Bluteau e Moura. Assim se procurará aferir se estas aproximações se encontravam já na tradição precedente e, em caso afirmativo, se coincide a orientação (de convergência ou divergência) que preside às mesmas.

3.1. Ortologia

Neste âmbito, a estratégia adotada para reproduzir graficamente a pronúncia do alfabeto espanhol permite, logo de início, identificar os sons específicos da língua espanhola: “o alfabeto hespanhol consta de vinte e sete letras cuja pronúncia procuraremos imitar por meio de sons portu-

guezes, menos a do *c*, *g*, *j*, *z*, que vai em sons hespanhoes, por não haver os equivalentes em portuguez” (Peixoto 2008[1848]: 7[9]). Nestes casos, oferecem-se descrições articulatórias detalhadas – os casos dos sons correspondentes às grafias <c> e <z> (Peixoto 2008[1848]: 8[10], 10[12]) – ou adverte-se que tal “só de viva voz se pode ensinar” – os casos de <g> e <j> – (Peixoto 2008[1848]: 8-9[11]). Convém, igualmente, observar a existência de notas contrastivas a respeito do modo de pronunciar as grafias <ll>, <ñ> e <x>. Além do anteriormente exposto, o texto apenas realça a identidade na representação do acento gráfico: “Só se faz uso em hespanhol do *accento agudo*. Este *accento* marca-se com o mesmo signal que em portuguez (´)” (Peixoto 2008[1848]: 11[13]).

Verifica-se que algumas destas ideias já se encontram nos autores precedentes aqui em confronto. Efetivamente, Bluteau (1721: 14) põe em relevo a equivalência fonética na pronúncia dos sons correspondentes aos grafemas <ll>, em espanhol, e <lh>, em português, e o mesmo acontece em Moura (1821: 5), que comenta ainda a correspondência entre <ñ> e <nh>, para além de identificar igualmente a especificidade na articulação em espanhol das consoantes grafadas <g>, <j>, <x> e <z> (Moura 1821: 5-6).

3.2. Partes da oração

Começando pelo artigo, embora no texto se observe uma situação de semelhança global, aí se identificam também as diferenças entre as duas línguas relativamente a um conjunto de casos de omissão desta categoria antecedendo i) nomes comuns integrados numa sequência algo extensa; ii) determinados nomes usados indeterminadamente; iii) nomes comuns usados determinadamente junto a possessivos.

O artigo emprega-se ordinariamente nos mesmos casos, e segundo as mesmas regras em hespanhol e em portuguez. Ha com tudo algumas diferenças.

O artigo não se repete em hespanhol quando ha muitos nomes communs seguidos. Ex. *la union, amistad, buena inteligencia y frecuentes visitas de Juan y de Pedro son notables*. Os hespanhoes suprimem tambem o artigo diante das palavras *casa, palacio, paseo, misa, caza, pesca* e algumas outras semelhantes, sobre tudo quando estas se achão depois d’ um verbo de movimento. Ex. *voy á paseo, vengo de misa, comeré hoy en palacio, etc*. Porem não se omitta o artigo ajuntando-se qualquer palavra, que determine o *paseo, o palacio, misa, etc.*, de que se falla. Ex. *voy al paseo del jardin; vengo de la misa mayor; comeré en el palacio real*.

Quando o nome commum se emprega n'um sentido determinado, põe-se, como em portuguez, a preposição com o artigo conveniente ao numero e genero. Ex. dá-me do pão, da carne, das cebolas, que acabas de comprar: *dame del pan, de la carne, de las cebollas, que acabas de comprar*. Porem havendo um pronome possessivo, emprega-se a preposição sem o artigo. Ex. dá-me do teu pão, das tuas cebolas: *dame de tu pan, de tus cebollas*.

(Peixoto 2008[1848]: 15-16[16-17]).

Quanto aos nomes, a gramática editada pelos Peixoto aponta para a coincidência entre os dois idiomas no que toca à inexistência de casos:

Alguns grammaticos designão uma terceira propriedade nos substantivos; a saber: a *declinação*. Porem consistindo a declinação em exprimir as relações entre as idéas, por meio de certas alterações feitas no material dos nomes; é evidente, que nas linguas em que aquelles não soffrem alteração nenhuma, e as relações se exprimem por meio de palavras separadas, não ha declinação. Assim em hespanhol (e tambem em portuguez) é absurdo dizer, que se declina, por ex. o nome *mesa*; pois diz-se: *de la mesa, á la mesa, para la mesa, etc.*, ficando sempre inalteravel a palavra *mesa*. Este é já um principio inconcusso entre os bons grammaticos, e quem quizer informar-se da demonstração, pode ler o art. *Cas da Encyclopedia*.

(Peixoto 2008[1848]: 17[18, n.1])

Por outro lado, o texto observa também as divergências quanto a alguns casos de atribuição de género nominal, questionando, nesse contexto, o valor da analogia como estratégia de aprendizagem desta matéria e oferecendo, seguidamente, uma listagem de algumas situações em que o referido recurso estratégico não funciona.

Não se deve, pois, ter atenção á analogia, que ha entre as duas linguas, porque alguns nomes ha, que em hespanhol são masculinos, e em portuguez femininos, e vice versa. São masculinos em hespanhol e femininos em portuguez:

<i>Dolor,</i>	dor.	<i>Color,</i>	côr.
<i>Arbol,</i>	arvore.	<i>Estante,</i>	estante.
<i>Ambages,</i>	ambages. (e alguns outros.)		

São femininos em hespanhol e masculinos em portuguez:

<i>Labor,</i>	lavor.	<i>Sal,</i>	sal.
<i>Leche,</i>	leite.	<i>Hiel,</i>	fel.
<i>Sangre,</i>	sangue.	<i>Nariz,</i>	nariz.
<i>Miel,</i>	mel.	<i>Estratagem,</i>	estratagem (e alguns outros.)

(Peixoto 2008[1848]: 18-19[19])

Finalmente, dentro ainda desta categoria, o texto comenta o caso de um nome diminutivo cuja importação do espanhol se defende aí, sustentando tal posição na *Grammatica Ingleza para uso dos portuguezes reduzida a vinte e sete lições* (Porto 1848) de José Urcullu¹¹.

No Dicionario da lingua portugueza, de Moraes, edição de 1789, está a palavra *Mada-moesella*, tomada do francez, mas por ninguem usada, que eu saiba. Com quanta mais razão se poderia adoptar a palavra hespanhola *Señorita* na accepção referida, quando não ha equivalente na lingua portugueza, o decidirão os litteratos imparciaes. (*Gram. portugueza-ingleza, Edição de 1848, do illustre litterato D. José de Urcullu.*)

(Peixoto 2008[1848]: 32[30, n.1])

Sobre os adjetivos, as notas contrastivas centram-se no uso das preposições, na formação do comparativo e superlativo ou no uso do artigo junto a adjetivos numerais no contexto de expressão da hora.

Neste caso e outros semelhantes não se traduz em hespanhol a palavra portugueza *do*.
(Peixoto 2008[1848]: 34[32]).

O que fica dito do comparativo de superioridade é applicavel ao comparativo de inferioridade.

(Peixoto 2008[1848]: 34[32]).

Os adjectivos *superior* e *inferior* regem a preposição *á*, tanto em hespanhol como em portuguez.

(Peixoto 2008[1848]: 37[34]).

Para exprimir as horas do dia ou da noite, emprega-se em hespanhol o numeral cardinal precedido do artigo *la* ou *las*. A palavra *hora* ou *horas* nunca se exprime neste caso. Ex. *es la una*, é uma hora: *son las tres y media*; são tres horas e meia. *Meio dia, meia noite*, empregados para marcar a hora, exprimem-se por *las doce*; ajunta-se *de la noche* ou *del dia* quando as circunstancias o exigem. Assim quando em portuguez se diz, *chegou á meia noite*; em hespanhol dir-se-ha, *llegó á las doce de la noche*.

(Peixoto 2008[1848]: 41[38-39]).

A respeito dos pronomes, o texto editado pelos Peixoto observa a identidade de estratégias nos casos que a seguir se discriminam: i) contração com preposição (numa perspetiva diacrónica); ii) coincidência de objeto direto e indireto.

¹¹ Sobre alguns aspetos da perceção contrastiva do espanhol e do português nas obras de Urcullu, cf. Duarte (no prelo b).

Os pronomes *mi, ti, si*, acompanhados da preposição *con*, tomão a syllaba *go* depois de *si* formando uma só palavra. Ex. *conmigo, contigo, consigo*. Antigamente acontecia o mesmo com os pronomes *nos, vos*, formando, o mesmo que em portuguez se usa, as palavras *connosco, convosco*, e em edições mais antigas achavão-se as palavras *connusco, convusco*. Porem hoje só se diz *con nosotros, con vosotros*.

(Peixoto 2008[1848]: 46[42])

O regime directo *le, la, lo, los, las* (em portuguez o, a, o, os, as) não pode estar junto na mesma frase hespanhola com o regime indirecto *le, les* (em portuguez lhe, lhes). Neste caso põe-se o pronome *se* em lugar do regime indirecto. Ex. Eu lha dei: *yo se la di*. Eu lho darei: *yo se lo daré*. Tu lha darás: *tu se la darás*. O mesmo acontece com os pronomes portuguezes *me, te*, que perdem o *e* quando são seguidos do artigo *o* ou *a* sem substantivo claro. Ex. *derão-mo, eu to darei*: em hespanhol diz-se: *me lo dieron, yo te lo daré*.

(Peixoto 2008[1848]: 46-47[43])

Em Moura (1821:15-17), estas situações podem deduzir-se dos dados recolhidos em tabela própria, mas não há nenhuma nota contrastiva a este respeito.

Quanto à descrição dos verbos, o comentário do texto de 1848 realça igualmente a semelhança entre as duas línguas. Aí se adverte, em primeiro lugar, a inexistência do verbo passivo e identificam-se as estruturas utilizadas em sua substituição: “na lingua hespanhola, assim como na portugueza não ha verbos passivos: a sua falta suppre-se unindo ás vozes do verbo *ser* o participio passivo dos verbos activos; como: *eu sou amado*, etc.” (Peixoto 2008[1848]: 53 [48]). Sobre isto não há qualquer referência nos restantes autores.

A perspetiva contrastiva sobre as formas verbais assume-se de forma especialmente evidente na tabela que sistematiza as terminações verbais dos verbos regulares em espanhol e português – “*Tabella geral comparativa das terminações dos tempos simples dos verbos regulares, tanto hespanholas, como portuguezas*” – (Peixoto 2008[1848]: 77-80[65-66]). Se bem que a referida tabela permita deduzir tanto as diferenças como as semelhanças e que, no referente à língua portuguesa, unicamente se apresentem as terminações divergentes, a verdade é que o comentário aos dados aí reunidos incide mais propriamente sobre as semelhanças detetadas.

Observe-se que são iguaes nas duas linguas:

- 1.º As terminações do presente do infinito das tres conjugações.
- 2.º A terminação do Gerundio da 1.ª conjugação.
- 3.º As terminações do participio passado das tres conjugações.
- 4.º As terminações do singular, e as da 2.ª e 3.ª pessoa do plural do presente do indicativo das tres conjugações.
- 5.º As terminações do singular e as da 1.ª pessoa do plural do imperfeito do indicativo da 2.ª e 3.ª conjugação.
- 6.º No preterito simples do indicativo as terminações da 2.ª pessoa do singular, e as da 1.ª pessoa do plural da 1.ª e 3.ª conjugação; e as da 1.ª pessoa do singular da 2.ª e 3.ª conjugação.
- 7.º As terminações da 2.ª e 3.ª pessoa do singular, e as da 1.ª e 2.ª do plural do futuro simples do indicativo das tres conjugações.
- 8.º As terminações da 2.ª e 3.ª pessoa do singular e as da 1.ª do plural do imperativo das tres conjugações.
- 9.º As terminações do singular, e as da 1.ª e 2.ª pessoa do plural do presente do subjunctivo das tres conjugações.
- 10.º As terminações do singular, e a da 1.ª pessoa do plural do 1.º imperfeito do subjunctivo da 1.ª conjugação.
- 11.º As terminações do singular, e as da 1.ª pessoa do plural do 2.º imperfeito do subjunctivo das tres conjugações.
- 12.º A terminação da 2.ª pessoa do singular do futuro simples do subjunctivo da 1.ª conjugação”.

(Peixoto 2008[1848]: 80-81 [66-67])

Embora a maioria destes dados possam ser extraídos dos paradigmas apresentados por Moura¹², não há no seu texto nenhum comentário a esse respeito; antes pelo contrário, nas notas contrastivas que redige no final da secção dedicada às conjugações regulares, Moura (1821: 44) centra-se mais nos aspetos que separam as duas línguas. Quanto a Bluteau, o seu texto coincide com o editado pelos Peixoto ao observar as divergências a respeito da terceira pessoa do plural das formas verbais com terminações grafadas <-m> ou <-ão> em português *versus* <-n> em espanhol (Bluteau 1721: 14), ainda que Peixoto anule essa diferença no ponto 4º das notas conclusivas sobre as tabelas, como se pode comprovar pela pas-

¹² Com exceção do que concerne aos pontos 8º e 10º da citação anterior. No caso do imperativo, Moura apenas considera a 2ª e 3ª pessoas. No tocante ao imperfeito do conjuntivo, Moura não partilha a admissão das duas formas (1º imperfeito e 2º imperfeito), mas podemos transpor as observações encontradas em Peixoto a respeito do 1º imperfeito para as formas abrangidas por Moura dentro do paradigma do condicional.

sagem acima transcrita. Especificamente sobre a representação gráfica em português do referido ditongo nasal, importa advertir duas questões: i) esta é uma das matérias que alcançou mais visibilidade na tradição metalinguística portuguesa e também uma das que mais polémica suscitou, para além de que, inclusivamente, separa as duas edições da gramática em estudo¹³; ii) no quadro dessa polémica, a reflexão acerca da representação ortográfica das terminações verbais da terceira pessoa do plural é um fenómeno que frequentemente suscita a alusão à divergência relativamente ao espanhol¹⁴.

A orientação para os factos de língua convergentes mantém-se no tratamento dos advérbios e preposições. Sobre os primeiros, refere-se a correspondência das formas terminadas em *-mente*: “Os advérbios terminados em *mente* correspondem aos da língua portuguesa na mesma terminação” (Peixoto 2008[1848]: 125[101]).

Quanto às preposições, no texto editado por Peixoto, insiste-se igualmente nos aspetos idênticos: “As preposições hespanholas empregão-se da mesma maneira e baixo as mesmas regras que as preposições portuguesas” (Peixoto 2008[1848]: 126[103]). Curiosamente, embora esta observação precise de ser matizada, o texto não o faz neste ponto, apesar dos comentários contrastivos sobre o uso das preposições no âmbito da formação dos graus dos adjetivos – dos que já se tratou aqui –, assim como sobre o uso das preposições junto de objeto direto – do qual se tratará seguidamente –.

3.3. Sintaxe

Com efeito, é precisamente sobre algumas situações em que o objeto direto se encontra precedido de preposição que incide a primeira nota contrastiva no âmbito da sintaxe: “O regime directo é precedido algumas vezes de preposição assim como em portuguez” (Peixoto 2008[1848]: 135[109]). Produz certa estranheza que, neste caso, o texto da responsabilidade dos Peixoto realce a semelhança linguística, quando a distinta evolução do acusativo preposicionado nas duas línguas é precisamente uma das matérias

¹³ A edição de 1848 utiliza a grafia <-ão>, enquanto que a de 1858 opta pela grafia <-m>. No atinente a esta matéria, tal implica, portanto, divergências entre a norma ortográfica da segunda edição e os textos de Bluteau e de Moura, que empregam a grafia <-ão>. Para mais informação sobre o debate ortográfico a este respeito na tradição coeva e precedente, cf. Gonçalves (2003: 465-466).

¹⁴ É o que indicam os dados recolhidos até ao momento no quadro do projeto de tese de doutoramento em curso e a tal se alude em alguns trabalhos já publicados nesse âmbito (Duarte 2012b: 84-85, no prelo a).

mais merecedoras de atenção por parte dos estudos contrastivos diacrónicos entre o português e o espanhol, como atesta o trabalho de Hans-Jörg Dölha (no prelo).

As notas contrastivas respeitantes à sintaxe centram-se, no entanto, sobre o emprego e regência dos tempos verbais. É o que acontece quando se sublinha a semelhança no uso do presente do infinito e as suas implicações em termos de regência: “Emprega-se este tempo, nas duas línguas, d’uma maneira substantiva, e então da-se-lhe o regime directo e indirecto que pertence respectivamente aos verbos” (Peixoto 2008[1848]: 137[110]). Diferentemente de Moura (1821: 44, 46), ao discorrer sobre este tempo do infinito, o texto em estudo não faz qualquer comentário contrastivo a respeito do infinito pessoal português: “Emprega-se este tempo, nas duas línguas, d’uma maneira substantiva, e então da-se-lhe o regime directo e indirecto que pertence respectivamente aos verbos” (Peixoto 2008[1848]: 137[110]). Apesar de, na parte dedicada à morfologia, referir a invariabilidade em número e pessoa do infinito em espanhol, tanto aí como na parte dedicada à sintaxe – onde se orienta para um uso do infinito comum às duas línguas –, em nenhum momento o texto comenta explicitamente o carácter idiossincrático do infinito pessoal português, o qual, aliás, corresponde a outro tema de vincada relevância para a tradição de descrição do português, como já demonstrou Ponce de León (2006).

Já na descrição do emprego dos modos verbais, o texto de 1848 chama a atenção para a distinta abordagem do imperfeito do conjuntivo / condicional em português e espanhol nas respetivas tradições gramaticográficas, não obstante a identidade formal.

Em hespanhol usa-se dos tempos do indicativo, do imperativo, e do subjunctivo nos mesmos casos que em portuguez: mas é preciso attender só ás terminações dos tempos na forma, que vão combinadas nas conjugações, e não aos nomes desses tempos; pois que alguns grammaticos portuguezes põem no modo condicional a 2.^a terminação do imperfeito do subjunctivo hespanhol, e outros reduzem esse modo ao subjunctivo assim como se usa em hespanhol.

(Peixoto 2008[1848]: 143[115]).

Também Moura (1821: 27), como se pode deduzir dos paradigmas apresentados nas suas *Taboas*, explicita essa coincidência entre o espanhol e o português neste aspecto concreto, embora de uma perspetiva diferente.

No âmbito da construção, o texto editado por Peixoto limita-se a assinalar que os dois idiomas partilham o recurso à construção inversa: “a construção *inversa* é usada igualmente em hespanhol e em portuguez, e contribue a dar ao estylo mais valor, variedade e nobreza” (Peixoto 2008[1848]: 144[116]).

3.4. Ortografia

A secção dedicada à ortografia é a parte do texto onde menos comentários contrastivos se realizam. Contudo, é precisamente neste âmbito que, no início do processo de gramatização do português, mais se insistiu na diferenciação relativamente ao espanhol, como evidenciam alguns estudos¹⁵. A primeira nota comparando a ortografia dos dois idiomas na gramática dos Peixoto pugna pela vigência do critério do uso na teoria ortográfica de ambas as línguas e, de alguma forma, apresenta a Academia espanhola como modelo para a Academia portuguesa. Mais uma vez, serve-lhe de suporte Urcullu, o qual, como se expõe no fragmento transcrito seguidamente, apresenta exemplos de algumas das mudanças já realizadas na norma espanhola e almejadas para a norma portuguesa.

“Ha poucos annos que tambem se escrevia com *h* em hespanhol *rehtorica, theologo, etc.*; porem a Academia Hespanhola simplificando em cada nova edição o tratado de orthografia, desterrou esta lettra como inutil no meio de dicção; e chegará o dia em que não se empregará senão unida com o *c*, para escrever as syllabas, *cha, che, chi*, etc. E a etymologia? O pequeno numero de litteratos nunca a ignorará: e a massa do povo, que aprende a ler, e a escrever por necessidade, pouco se embarça da etymologia, que só serve para augmentar as difficuldades dos que aprendem, e dos que ensinão. Que serviço tão grande faria á Nação a Academia Real das Sciencias de Lisboa, se publicasse uma Grammatica Portugueza, acompanhada d’um tratado de orthografia, em que se prescindisse da etymologia! O acerrimo etymologista Madureira não se vê muitas vezes obrigado a ceder ao uso, que tem podido mais que a etymologia? Por outra parte os escritores modernos portuguezes vão pouco a pouco perdendo o respeito a esta palavra; e no cahos e confusão que agora reina por falta d’um systema racional d’orthografia, o tratado que dêsse a Academia Real, serviria não somente para pôr fim ao scisma, que divide os litteratos portuguezes; mas tambem facilitaria muitissimo nas escolas o ensino

¹⁵ “A ortografia serve para este fim: delimita um espaço, serve – afirmando a diferença, sempre em relação ao castelhano – como indicador de identidade e distância” (Vázquez Corredoira 1998: 54).

“Quando os gramáticos portugueses constroem a ortografia portuguesa, no tortuoso caminho que levou mais de três séculos para ser completado, trabalham simbolicamente no sentido de delimitar a língua em relação ao espaço maior do castelhano” (Sousa 2005: 307).

da mocidade. Em confirmação do que digo em ultimo lugar porei um exemplo entre mil que poderia citar.

Dizem a um rapaz, ou a um estrangeiro, que não deve pronunciar o *u* depois de *q*, como em *que, quente, aqui*, etc.; e logo vem para atormentar a sua memoria as palavras *quando, frecuencia, tranquillo*, nas quaes tem que pronunciar o *u*. Quanto mais simples seria escrever (como se usa agora em hespanhol) *quando, frecuencia*, etc., assim como se escreve em portuguez *cuidado* etc.! Isto parecerá a muitos uma cousa frivola; mas é que não se lembrão já do trabalho, e das lagrimas que lhes custou aprender a ler; e agora julgão que é muito facil o que trinta ou quarenta annos antes era um labyrintho de difficuldades.”

(Urcullu 1848: 10, n.1 *apud* Peixoto 2008[1848]: 150–151[120-121])

Cumprе observar que, nessa passagem, através de Urcullu, o texto não se limita a apresentar as situações merecedoras de reforma. Também se argumenta de um ponto de vista sociocultural e didático, mencionando expressamente a situação do ensino de língua estrangeira, e alude-se ao debate metalinguístico que em Portugal suscitam os factos de língua sobre os quais se propõem essas reformas¹⁶.

De resto, no texto a cargo dos Peixoto, apenas se observa ainda a convergência linguística genérica a respeito das regras de uso de maiúsculas e pontuação, com exceção do caso do uso do hífen, identificado seguidamente e destacado também em Moura (1821: 17).

As regras a respeito da pontuação, e do uso das letras maiusculas, são as mesmas em hespanhol e em portuguez.

Observações. Quando os pronomes pessoaes se antepõem ou pospõem aos verbos, ajuntando-se-lhes, formão uma só palavra e não se emprega a união de que em portuguez se usa. Ex. *amandose, amando-se*.

(Peixoto 2008[1848]: 157[127])

4. Notas conclusivas

Atingido este ponto, importa registar algumas conclusões:

- i) por um lado, a insistência, ao longo do texto em estudo, nos resultados e estruturas coincidentes entre as duas línguas, talvez como fator de motivação didática;

¹⁶ Sobre o debate ortográfico geral no século XIX, cf. Kemmler 2001: 249-281 e, especificamente sobre os critérios ortográficos aludidos, cf. Gonçalves 2003: 395-400.

- ii) por outro lado, a inexistência de um critério claro ou sistemático no recurso à estratégia contrastiva explícita, já que nem sempre incide sobre as questões que poderiam levantar mais problemas à aprendizagem ou sobre as que mais convocaram a atenção da tradição precedente, postas em evidência nos estudos referidos no final do ponto 1 deste trabalho.
- iii) por último, e na sequência do anteriormente exposto, regista-se escassez de pontos de contacto com os comentários contrastivos recolhidos em Howell, Bluteau ou Moura, não obstante ser pertinente advertir que, quantitativamente, o número de situações partilhadas com Moura é mais elevado. Com efeito, não existe em Howell nenhuma observação contrastiva comum ao texto dos Peixoto, em Bluteau registam-se apenas dois comentários convergentes, enquanto que em Moura há já sete situações que denotam sintonia com os comentários contrastivos do texto em estudo. Tal parece explicar-se pela natureza e objetivo dos textos em causa: ao passo que os primeiros são pequenos tratados que põem em relevo correspondências regulares entre os dois idiomas no âmbito de determinados factos de língua mais relevantes para a compreensão escrita, o de Moura, como o de Peixoto assume um objeto e objetivo mais amplos. Seja como for, não há dados suficientes que garantam ou excluam a consulta dos textos de Howell, Bluteau e Moura por parte do autor da primeira gramática de espanhol para portugueses.

REFERÊNCIAS

- Álvarez, E. 2005. Decadencia de la lengua española, primeras gramáticas para luso-hablantes y comienzos de la enseñanza de esta literatura en la Universidad de Coimbra. In: Luís Filipe Teixeira, Maria José Salema & Ana Clara Santos (Orgs.). *O livro no ensino das Línguas e Literaturas Modernas em Portugal: do Século XVIII ao final da Primeira República. Actas do II Colóquio da A.P.H.E.L.L.E.* Coimbra: A.P.H.E.L.L.E., 39-56.
- Bluteau, R. 1721. *Diccionario castellano y portuguez para facilitar a los curiosos la noticia de le lengua Latina, con el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino.* Lisboa Occidental: Pascoal da Sylva, 14-24.

- Döhla, H.-J. No prelo. La marcación diferencial del objeto en español y portugués: un cotejo diacrónico". In: M. Castillo Lluch & M. López Izquierdo (Eds.). *El orden de palabras en la historia del español*. Madrid: Visor Libros.
- Duarte, S. 2006. A aproximação contrastiva ao Espanhol nas *Taboas* de José Vicente Gomes de Moura: a teoria sintáctica subjacente. In: J. Barbosa & F. Oliveira (Eds.). *Textos seleccionados do XXI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística (Porto, 28-30 de Setembro de 2005)*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística / Colibri, 329-339.
- . 2008a. *O contributo de Nicolau Peixoto para o ensino do Espanhol em Portugal: edição crítica da Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes*, Tese de Mestrado, Departamento de Linguística e Literaturas, Universidade de Évora.
- . 2008b. Los apéndices de la *Grammatica hespanhola para uso dos portuguezes* de Nicolau Peixoto: el apartado "Phrases familiares". *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. 6: 29-46.
- . 2009a. Fuentes de la *Grammatica Hespanhola para uso dos Portugueses* de Nicolau Peixoto (1848). *Documents pour l'histoire du Français langue étrangère ou seconde – Aproches contrastives et multilinguisme dans l'enseignement des langues en Europe (XVI^e- XX^e siècles)*. 42: 165-183.
- . 2009b. "Of the Portugues language or subdialect" (1662): a consideração do Português como dialecto do Castelhana na obra gramatical de James Howell. *Diacrítica*. 23: 209-221.
- . 2010. A presença da *GRAE* em Peixoto (Porto 1848) e Cervaens y Rodriguez (Porto 1895). In: C. Assunção, G. Fernandes & M. Loureiro. *Ideias Linguísticas na Península Ibérica (séc. XIV a séc. XIX)*, vol. I. Münster: Nodus Publikationen, 177-188.
- . 2012a. La presencia castellana en el *Arte da Grammatica Portuguesa* de Pedro José de Figueiredo. In: E. Battaner Moro, V. Calvo Fernández & P. Peña Jiménez (Eds.). *Historiografía lingüística: líneas actuales de investigación*, I. Münster: Nodus Publikationen, 295-395.
- . 2012b. El castellano en la ortografía portuguesa: el caso de João Franco Barreto. *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística*. 8: 73-94.
- . No prelo a. A perceção do castelhano no *Antidoto da Língua Portuguesa* [1710] de António de Melo da Fonseca. *Revue ReCHERches*.
- . No prelo b. A teoria verbal nas duas edições portuenses da Gramática inglesa de José Urcullu: pistas para uma abordagem contrastiva do Português e do Espanhol. In: S. Duarte, F. Outeirinho & R. Ponce de León (Eds.). *Dos Autores de Manuais aos Métodos de Ensino das Línguas e Literaturas Estrangeiras em Portugal (1800-1910)*. Porto: APHELLE/CLUP.
- García Martín, A. M. 2007. Sobre la referencia al castellano en la tradición gramatical del portugués. In: Á. Marcos de Dios (Coord.). *Aula ibérica: Actas de los congresos de Evora y Salamanca*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 209-218.
- Gonçalves, M. F. 2003. *As ideias ortográficas em Portugal: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1794-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e Tecnologia.

- Howell, J. 1662. *A New English Grammar, perscribing as certain Rules as the Language will bear, for Forreners to learn English: ther is also another Grammar of the Spanish or Castilian Tounge. with som special remarks upon the Portugues Dialect, &c. Whereunto is annexed A Discours or Dialog containing a Perambulation of Spain and Portugall, which may serve for a Direction how to travell through both countreys, &c* Londres: T. Williams, H. Brome & H. Marsh.
- Kemmler, R. 2001. Para uma história da ortografia portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911. *Lusorama*. 47-48, 128-319.
- Moura, J. V. G. de. 1821. *Taboas de Declinação e Conjugação para aprender as Linguas Hespanhola, Italiana e Francesa comparando-as com a Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Pablo Segovia, G. de. 2009. El contraste de lenguas en el siglo XVII: la doble gramática de James Howell. In: T. Bastardín Candón, M. Rivas Zancarrón & J. M. García Martín (Coord.). *Estudios de historiografía lingüística*. Cádiz: Universidad de Cádiz – Servicio de Publicaciones, 565-576.
- Peixoto, J. M. B. da Costa. 1858. *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, segunda edição correcta e muito aumentada, contendo no fim um vocabulário portuguez-hespanhol das palavras mais usuaes e necessárias*, Lisboa, Typ. de Maria da Madre de Deus.
- . 1858. *Guia da Conversação Hespanhola para uso dos portuguezes contendo regras da pronúncia, e acentuação das palavras; um vocabulario, phrases, e diálogos familiares; modelos epistolares; e uma táboa comparativa no valor das moedas hespanholas e portuguezas, colligida dos melhores auctores e ordenada por José M. B. Da Costa Peixoto, auctor da Grammatica Hespanhola, obra util para aprender o hespanhol e para os viajantes á qual se ajuntou, no fim, uma collecção de locuções hespanholas, etc. por outro auctor*. Lisboa: Typ. de Maria da Madre de Deus.
- Peixoto, N. A. (Ed.). 1848. *Grammatica Hespanhola para uso dos portuguezes, dada á luz por Nicolau António Peixoto*. Porto: Typ. Commercial.
- . 2008[1848]. Cf. Duarte, Sónia (2008a).
- Ponce de León, R. 2005. Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia. In: *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*. Sevilla: Facultad de Filología de la Universidad de Sevilla, 675-682.
- . Inédito. La gramática y el léxico en la enseñanza del español en Portugal durante el siglo XIX. Conferência proferida no Fachbereich Romanistik, Universität Salzburg, 17 de maio de 2006.
- . 2006. O tratamento do infinitivo flexionado na gramaticografia portuguesa setecentista: descrição e uso. In: A. Endruschat et al. (Ed.). *Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch*. Tübingen: Calepinus, 167-198.
- . 2007. Materiales para la enseñanza del español en Portugal y para la enseñanza del português en España: gramáticas, manuales, guías de conversación (1850-1950). In: G. Magalhães (Coord.). *Actas do Congresso RELIPES III*. Covilhã/Salamanca: UBI/Celya, 59-86.

- . 2009. Comparativismo y enseñanza de lenguas en el Portugal del siglo XIX: en torno a las Taboas de declinação e conjugação de José Vicente Gomes de Moura. In: V. Gaviño (Ed.). *Las ideas y realidades lingüísticas en los siglos XVIII y XIX*. Cádiz: Universidad de Cádiz, 519-533.
- . 2010. Gramática e defesa da língua: o Castelhana na *Ars grammaticae pro lingua lusitana addiscenda* (1672) de Bento Pereira (S. I.). In: Endruschat, A. & Kemmler, R. (Eds.). *Portugiesische Sprachwissenschaft: traditionell – modern – innovativ*. 189-199. Tübingen: Calepinus Verlag, 189-199.
- Ponce de León, R. & Duarte, S. 2005. O contributo da obra lexicográfica de Bluteau para a história do ensino do Português como língua estrangeira: o *Methodo breve, y facil para entender Castellanos la lengua portuguesa*. *Revista da Faculdade de Letras. Série "Línguas e Literaturas"*. 22: 373-429.
- Rodríguez, J. L. 2005. Visões do outro. O castelhana na óptica dos linguistas portugueses de Quinhentos. In: M. Gonçalves et al. *Gramática e Humanismo: Actas do Colóquio de Homenagem a Amadeu Torres*. I. Braga: ALETHEIA – Associação Cultural e Científica, 591-614.
- Salas Quesada, P. 2002-2004. El pequeño Diccionario de James Howell. *Archivo de filología aragonesa*. 1. 59-60: 845-858.
- . 2005a. Los inicios de la enseñanza de la lengua española en Portugal. In: M. A. Castillo et al (Ed.). *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE, Sevilla, 22 al 25 de septiembre de 2004*. Sevilla: Universidad de Sevilla – Servicio de Publicaciones, 799-804.
- . 2005b. Dos pequeños vocabularios de José Maria Borges da Costa Peixoto como testimonio de la lexicografía hispano-portuguesa del siglo XIX. In: *Diccionario y Traducción*. Málaga: Universidad de Málaga [documento electrónico cedido pela autora].
- . 2007. Comentario lexicográfico de la *Tabla de palabras portuguesas remotas de la lengua castellana* (1721), de Raphael Bluteau. In C. Pérez-Cordón & J. L. Rámirez (Eds.). *El español en sus textos. Manual de comentarios lingüísticos e historiográficos*. Lugo: Axac, 109-125.
- Silva, I. F. da. 1858-1958. *Diccionario bibliographico portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*. [a partir do vol. IX: continuado e ampliado por Brito Aranha], 23 vols. Lisboa: Na Imprensa Nacional. Obra reeditada em reprodução fac-similada. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.
- Sousa, M. C. P. de. 2005. *Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600*. Tese de doutoramento. Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- Vázquez Corredoira, F. 1998. *A construção da língua portuguesa frente ao castelhana – o galego como exemplo a contrario*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.